

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Cultura e sociabilidade na constituição dos imaginários juvenis latino-americanos.

Profa.. Ana Luisa Fayet Sallas.

Cita:

Profa.. Ana Luisa Fayet Sallas (2009). *Cultura e sociabilidade na constituição dos imaginários juvenis latino-americanos. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1810>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Cultura e sociabilidade na constituição dos imaginários juvenis latino-americanos

Profa. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas

Departamento de Ciências Sociais - UFPR

analuisa@ufpr.br

RESUMO

Esta comunicação procura tratar algumas questões referentes às culturas juvenis e suas formas de sociabilidade promovidas pelas indústrias culturais na constituição dos imaginários juvenis latino-americanos. Partimos do conceito de imaginário proposto por Miguel Rojas Mix para mapear essas novas formas de relações que engendram novas configurações sociais – como expressões estéticas e éticas – da diversidade das identidades das juventudes latino-americanas. Essa diversidade de expressões permite a constituição dos vários estilos de vida (no sentido conceituado por Simmel) que se enfrentam. Está pesquisa procura apresentar os universos juvenis constituídos a partir de uma etnografia virtual, realizada inicialmente no You Tube, identificando as formas expressivas que os jovens adotam como elementos de constituição de suas identidades grupais como a dos jovens “engajados” e “participativos” frente à possibilidade de constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil, como os jovens punks do México em luta contra os Emos ou ainda dos raztecas, hip hop, dos jovens ligados a grupos religiosos, de grafitti, cosplays entre outros. Consideramos que as culturas juvenis expressam a velocidade e a capacidade de processar múltiplas informações. Pretendem-se ainda nesse trabalho apresentar algumas reflexões e implicações teóricas e metodológicas da utilização do recurso as etnografias virtuais, apontando aqui a sua validade e alcance. Trata-se aqui também de pensar num processo cognitivo que tem interpelado aos adultos, quando observam as múltiplas formas de produzir, reproduzir e assimilar novas informações e conhecimentos. Procuramos vestígios e rastros que nos dessem pistas das novas imagens e imaginários presentes nestas culturas. Velocidade, simultaneidade, fragmento, deslocamentos, bricolagens, videoclips – são através destas formas que os jovens produzem novos sentidos simbólicos e inscrevem as suas experiências no espaço das virtualidades e de novas visualidades.



Nosso interesse pela temática dos imaginários juvenis deriva de uma primeira abordagem ao tema, realizado a partir de uma releitura dos resultados das pesquisas feitas pela UNESCO entre os anos 1998 a 2000. O contexto de emergência destas pesquisas foram os fatos ocorridos em Brasília no ano de 1997 em que cinco jovens de classe média alta da cidade, numa “diversão” da madrugada, atearam fogo no índio pataxó Hã-há-hãe, Galdino Jesus dos Santos, de 45 anos, que dormia em um ponto de ônibus no Plano Piloto da cidade. Tal evento chocou a opinião pública, pois além do fato em si, marcado pela gravidade da ação, trazia para o centro do palco, jovens bem nascidos, com educação formal condizente e de famílias prestigiosas da sociedade.

Como explicar tal ação? O que está acontecendo com os jovens de classes médias e altas? Como analisar este acontecimento, uma vez que ele colocava em xeque aquela velha equação de pobreza=violência, demandando outros modelos teóricos explicativos para tal situação?

Buscando responder a estas questões, a UNESCO promoveu estudos em outras capitais como Curitiba, Fortaleza, Rio de Janeiro e outro realizado nas cidades satélites de Brasília - Ceilândia, Planaltina e Samambaia - com jovens integrantes de gangues e galeras. Embora com algumas diferenças na constituição das amostragens e da abordagem qualitativa, todas as pesquisas tiveram a orientação metodológica de Julio Jacob Waiselfesz¹.

As pesquisas construíram-se por uma base quantitativa com aplicação de questionário com jovens e profissionais da educação e numa base qualitativa com a realização de grupos focais de jovens, pais, professores e policiais. O projeto nacional coordenado pela UNESCO teve como proposta a construção de um estudo comparativo, quer entre grupos sociais envolvidos na temática, quer em âmbito territorial. A partir da percepção dos jovens, de pais, professores e policiais foi possível realizar uma abrangente análise sobre questão da violência e cidadania no Brasil. As categorias-chave deste projeto foram os conceitos de JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E CIDADANIA e pretendia, entre outras coisas, estabelecer parâmetros para a proposição de políticas públicas para a juventude brasileira.

De toda a investigação, o que ficou como “um gosto amargo” para os adultos-pesquisadores, para nós sociólogos que, ao longo do trabalho, estavam presentes em todas as falas (inclusive a dos jovens), expressões que os projetavam como alienados, individualistas e imediatistas. Naquele momento da pesquisa devolvíamos as questões: por que não ser alienado? Por que não ser imediatista? Por que não ser individualista? Nossa resposta era de que,

“resistindo a esses rótulos, o que os jovens hoje talvez estejam pedindo aos adultos, por meio de diferentes formas de expressão, que podem ser também violentas, é que se restabeleçam ou se definam com clareza quais são as regras do jogo. Que haja o consentimento dos participantes nos termos em que se coloquem e que sejam rigorosamente seguidas por todos os que estiverem envolvidos no jogo. Esse parece ser o clamor dos jovens. Além disso, reconhecem que, para que o jogo de fato ocorra, é fundamental que nenhum participante se utilize da trapaça para levar vantagem frente aos demais parceiros. Mas, caso a trapaça de fato ocorra, é preciso que ela não fique impune,. Portanto, ao se definirem as regras do jogo, é preciso deixar claro quais são as penalidades para quem as transgrida.” (SALLAS, 1999, p. 343)

¹ A pesquisa piloto da UNESCO foi desenvolvida sob a coordenação geral de Julio Jacob Waiselfisz e realizou-se no Plano Piloto de Brasília, sendo entrevistados por questionários 401 jovens de 14 a 20 anos, e 11 grupos focais de jovens (87 jovens entrevistados). Foram também realizados 5 grupos focais com pais e 2 grupos focais com professores – além de 360 questionários com profissionais de educação em 40 escolas (18 escolas públicas e 22 escolas privadas). WASELFISCZ, Júlio Jacob (coord.) – JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E CIDADANIA : OS JOVENS DE BRASÍLIA, São Paulo : Cortez Editora, 1998.

Hoje, além de reiterar tais questões, incorporamos a elas outro eixo argumentativo: quem realmente é o imediatista, o alienado e o individualista? Os jovens que clamam por regras, mas que devem ser questionadores, diferentes, criadores de novos modelos? Ou serão os adultos, que puderam viver a sua juventude como momento de transgressão, de aventura, de marca geracional? De um lado os adultos projetam sobre os jovens expectativas e demandas cujos significados e sentidos inscrevem-se em outro tempo geracional. Por outro esses mesmos adultos que hoje procuram viver as marcas da juventude – a transitoriedade, a aventura e a contestação – como permanentes, isto é, não como etapa de socialização, mas como valor.

Cultura Juvenil como valor de culto

Pensar numa cultura juvenil significa levar em conta, de imediato, a multiplicidade de formas de sociabilidade existentes para a vida cotidiana dos jovens, marcada por relações grupais na escola, igreja, família – para mencionar aqui aquelas instituições socializadoras tradicionais e outros agrupamentos como dos jovens de torcidas organizadas, grupos de punks, darks, nerdes, hip-hop e assim por diante.

O que se verifica na vida dos jovens é talvez um elemento básico e corrente daquelas formas de sociabilidade que tanto interessaram a Simmel no início do século XX. Ao pensar numa sociologia como ciência, pensava-a como o campo de estudos das formas de sociabilidade fundadas num princípio básico humano de agrupar-se e diferenciar-se. Como qualquer outro grupo humano, os jovens procuram agrupar-se por afinidades em torno dos mais diferentes interesses, sejam eles artísticos, culturais, políticos e assim por diante. Existe também um esforço da juventude para diferenciar-se, em busca de expressão de sua individualidade.

A procura por autonomia e diferenciação por um lado, e de cooperação e integração por outro, não podem ser vistas como expressão de processos antagônicos ou paradoxais. São apenas faces de um mesmo processo que tem marcado a vida dos jovens nas modernas sociedades industriais. Esses elementos poderiam ser pensados, aqui, como algo constitutivo da juventude, marcados por aquilo que SIMMEL definiu como próprio de um espírito aventureiro, em que mais do que se chegar a qualquer ponto, importa o caminho, o percurso do aventureiro. Para esse autor, a aventura é algo ligado a nossa existência mas fora dela, tem um começo e um fim definido, O aventureiro é aquele que investe na chance flutuante, no destino e no que é impreciso: “derrubamos a ponte entre nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias” (2005, p.176).

Se para SIMMEL a disposição histórica é mais característica da velhice, a disposição à contemporaneidade incondicional é própria da juventude, na sedução da aventura que não reside em seus conteúdos, mas na forma aventureira como experiência, de intensidade e de suspense que a faz sentir a vida: o que se chama de subjetividade da juventude é “a matéria da vida em seu significado

objetivo não é para ela tão importante quanto o processo que a conduz, quanto à própria vida”. (SIMMEL, 2005, p.181)

A atualidade das reflexões de Simmel nos ajuda a pensar nos termos de uma cultura juvenil, no que é próprio dela e de suas relações com outros grupos etários. A questão que nos interessa problematizar aqui é justamente quando aqueles elementos que tem marcado e sido reconhecido como uma cultura juvenil – imersos na transitoriedade, no instante, no presente, passam a ser objeto de um culto – objeto esse apropriado pelos adultos e também pelas crianças como um valor – imutável e permanente em disputa por todos.

Sem dúvida que a sociedade de consumo e a indústria cultural contribuíram para essa “migração” digamos assim, do sentido, do valor e do significado do que é ser jovem. Por outro lado, a ciência genética, a biotecnologia e as modernas intervenções estéticas proporcionaram a amplificação do que é ser jovem, trazendo para o cotidiano de vidas comuns a possibilidade de realização de um desejo mítico – o da Eterna Juventude.

Pensar na emergência de culturas juvenis significa procurar compreender as novas sociabilidades inscritas em diferentes formas de experiências que os jovens passam a ter articulados com as indústrias culturais, que segundo Rossana Regillo (2005) tem consolidado seus domínios mediante um conceito ativo de sujeitos, gerando espaços para a produção, reconhecimento e inclusão da diversidade cultural juvenil. Observa que, apesar das instituições sociais e dos discursos por elas produzidos (na família, escola, governo, igreja...), que fecham o espectro de possibilidades da categoria jovem, fixando os limites da ação deste sujeito social a uma rígida normatividade, as indústrias culturais abriram o espaço para a inclusão da diversidade estética e ética das juventudes.

O cultural tiene hoy um papel protagonista en todas las esferas da vida. Puede aventurarse la afirmación de que se ha constituído em un espacio al que se han subordinado las demás esferas constitutivas de las identidades juveniles. Es en el ámbito de los significados, los bienes y los productos culturales donde el sujeto juvenil adquiere sus distintas especificidades y donde despliega su visibilidad como actor situado socialmente com esquemas de representación que configuran campos de acción diferenciados. (Regillo, 2005:52)

Reconhecemos que os valores da juventude como cultura têm marcado a experiência de todos como objeto de desejo e culto, de mitos que jogam contra os mitos, no sentido em que não há uma desmitologização na sociedade global. Os mitos ainda vigoram, aqui e ali, de modo fragmentado e descontínuo, dissociados de experiências sociais compartilhadas por gerações em relação umas com as outras. Não existe mais um propósito ou um sentido de vida que os mitos podem e ter por função transmitir. Com isso, o culto à juventude coloca-se em grande medida contra os jovens: são julgados como alienados, individualistas e consumistas. Os adultos lhes dizem: “nada sabem, nada querem

saber”. O poder deste tipo de assertiva tem sido vigoroso para retirar dos jovens aquilo que eles, com “agentes” ou “sujeitos da história”, procuram cada dia e de formas variadas: exercitar-se na aventura, lançar-se a ela sem uma bula prescritiva de “ética” e “cidadania” auto-referenciada.

Por outro lado, a novidade que encontramos na emergência das novas culturas juvenis não está em suas práticas, mas na velocidade e na capacidade como processam as informações que circulam atualmente pelo planeta. Trata-se aqui de pensar num processo cognitivo que tem interpelado aos adultos, quando observam as múltiplas formas de produzir, reproduzir e assimilar novas informações e conhecimentos. Para Regillo, as culturas juvenis, ao integrarem conhecimentos os mais diversos matizes e significados, operam um “metabolismo acelerado” que em seu “tipo ideal” está representado pelo videoclipe (2005:66). Velocidade, simultaneidade, fragmento, deslocamentos, bricolagens – são através destas formas que os jovens produzem novos sentidos simbólicos e inscrevem as suas experiências em novos imaginários que rompem as fronteiras do mundo ao integrarem-se no espaço das virtualidades possíveis e de novas visualidades.

Primeiras anotações: a constituição dos imaginários juvenis – Memória do Futuro?

A emergência das culturas juvenis impõe também novas formas de produção do conhecimento. No ponto em que estamos, tratamos de investigar de início o YOU TUBE, procurando nele alguns vestígios e rastros que nos dessem pistas das novas imagens e imaginários presentes nestas culturas. Antes de prosseguir, vale uma lembrança ligada à potência de comunicação e mobilização das novas tecnologias da informação, quando nos últimos anos tivemos de forma recorrente manifestações antiglobalização de jovens anarquistas, ecologistas entre outros na ocasião das reuniões do G8 realizadas através da internet.

Miguel Rojas Mix define o estudo do imaginário como um mundo, uma cultura e uma inteligência visual que se apresentam com um conjunto de ícones físico e visuais que se difundem através de uma diversidade de meios e interagem com as nossas representações mentais (ROJAS MIX, 2006, p. 18) O estudo do imaginário trata das formas e funções das imagens e procura interpretar o seu sentido.

Propõe um esquema de análise que procuraremos seguir, levando em conta os seguintes passos para refletir sobre os imaginários juvenis:

I - A natureza dos documentos: temos iniciado nossa investigação com vídeos produzidos no youtube. São documentos visuais diversos e heterogêneos. Buscamos palavras chave como: da Conferência Nacional da Juventude, ocorrida no Brasil em abril deste ano; de manifestações de hip-hop; do movimento do passe livre; de grupos religiosos entre outros. Fora do Brasil, identificamos alguns materiais importantes como as Marchas dos Pinguinos em Chile que começam em 2006 e

continuam até agora, com manifestações bem recentes, ocorridas no início de junho deste ano. Sobre os Emos e Punks, identificamos alguns materiais interessantes, ligados as tensões entre esses dois grupos e também alguns materiais de conteúdo claramente fascistas, dado as características destes jovens (os Emos, com sua sexualidade livre e cambiante, bem como a sua emotividade, práticas suicidas e claramente estetizadas – estetização da vida). Vale lembrar que os Emos no Chile são conhecidos como Pokemones – reforçando uma imagem que se faz presente nos desenhos animados e nos Manguás japoneses.

II – Descrição dos materiais: devido a diversidade de referências, aqui se colocam alguns desafios quando tratamos de um material que aparece com identificações variadas e com codinomes. Podemos identificar alguns materiais como claramente institucionais, a exemplo de alguns vídeos produzidos como convocatória para a Conferência Nacional da Juventude. Os temas que tomamos inicialmente como referência diz respeito a expressões de uma cultura juvenil, presente numa multiplicidade de formas de agrupamentos juvenis, como também ligadas mais estritamente à ação política (é importante destacar que partimos de uma leitura da participação política juvenil mais ampla e diferenciada das formas tradicionais, dos partidos políticos e movimentos sociais estruturados). Quanto à análise da estilística dessas imagens, o que vemos é uma mistura de referências, desde aquelas utilizadas nos vídeos clipes, juntando músicas e imagens moveis, como também a utilização de imagens fixas com fundo musical, além de algumas formas mais expositivas, com som em off (como no caso dos materiais anti-emos) que alias são perseguidos pelos punks e silkheads.

III – Quanto ao contexto histórico: Rojas Mix faz referência a quatro dimensões para a análise das imagens: o imediato (estilo, entorno e circunstância); o mediato (que se refere a reação que a imagem produz através do tempo – validade e sincretismo), o interno (lógico da imagem) e externo (que são os elementos não miméticos da imagem). Neste ponto em que estamos em nossa pesquisa, às imagens que dispomos num inventário inicial, constituem-se como materiais muito recentes, que ainda não decantaram para permitir um avanço mais profundo de análise. Há que se reiterar o caráter heterônomos destas imagens, que vão desde imagens institucionais, imagens de jornais televisivos, imagens de resistência (emos sexex) a imagens de perseguição e incitação a violência. A validade e duração destas imagens são elementos também que podemos refletir, dado que da mesma forma que aparecem, elas são retiradas da internet. Urgência do registro e captação destas imagens. Sentido efêmero das imagens.

IV – Interpretação e contexto: Nesse ponto, podemos identificar alguns argumentos, que em sua grande maioria apresentam nas formas de contestação e participação juvenil, o valor do presente. Do ponto de vista ideológico, temos uma variedade das formas que vão de um matiz claramente de esquerda, para ações de direita. Uma característica que deve ser destacada é que grande parte dos materiais que coletamos, num primeiro momento de nossa investigação, trazem uma marca da

expressão dos jovens como um determinado estilo de vida (como a expressão de uma relação entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva – segundo Simmel), ligados a formas de vestimenta, preferências musicais e padrões de consumo. Como Miguel Rojas Mix nos recorda que o estilo também é uma ideologia e concorre na construção do imaginário. Observamos aqui que determinados estilos aparecem como objeto de disputa entre diferentes grupos (emos X punks).

Feitas essas observações, podemos retornar do ponto onde iniciamos: Memória do Futuro – como e a partir de que elementos se constroem ou se permitem construir novas utopias. Em que espaços os jovens têm hoje a possibilidade de produção das resistências e através de que formas elas são possíveis. A produção simbólica dos jovens, ao ser realizada, permite a expressão deste paradoxo que nos origina – a memória do futuro não como uma lembrança do passado, nem tampouco de uma memória propriamente dita, mas de um devir, ou seja, mais do que falarmos, aqui, da memória do futuro cremos que nos cabe destaca-las como LEMBRANÇAS DO SONHAR e das formas de um despertar que nos evoca Goya com seu quadro famoso: OS SONHOS DA RAZÃO PRODUZEM MONSTROS... monstros hoje presentes numa razão cínica e instrumental que temos visto atualizada em formas de controle e administração das expressões da vida juvenil.

BIBLIOGRAFIA

- Abramo, H. W. 1994. **Cenas juvenis - punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta/Anpocs.
- Abramovay, Mirian et alii, 1999. **Gangues, galeras, chegados e rappers**. Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond.
- Abramovay, Miriam et alii, 2002. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID.
- Barreira, César et Al. 1999. **Ligado na galera**. Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO.
- Bourdieu, P. 1998. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil.
- Reguillo, Rossana (2006) **Emergencia de culturas juveniles – Estrategias del desencanto**. Colombia : Grupo Editorial Norma.
- Minayo, Maria Cecília de Souza et al. 1990. **Fala galera**. Juventude, Violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond.
- MIX, Miguel Rojas. **El Imaginário: Civilización y Cultura del Siglo XXI**. Buenos Ayres: Prometeo Libros, 2006.
- Sallas, Ana Luisa Fayet et al. 1999. **Os jovens de Curitiba; esperanças e desencantos**. Juventude, violência e cidadania. Brasília: UNESCO.
- Souza, J. Öelze, B. (org.) 2005. **Simmel e a Modernidade**. Editora UnB: Brasília.

Waiselfisz, Júlio Jacob (coord.) 1998. **Juventude, violência e cidadania : os jovens de Brasília**, São Paulo : Cortez Editora.